

O psicanalista além dos muros

The psychoanalyst beyond the walls

Edson Soares Lannes*

Resumo: Freud e seus continuadores abriram caminhos, alguns recusados a princípio, mas compreendidos e aceitos após, nos quais hoje nos conduzimos. Entre “isso não é psicanálise” e “só isso, agora, é psicanálise”, vivemos as revoluções kleiniana e lacaniana. Winnicott, um pensador inquieto, em carta a Miss Anna Freud e Mrs. Klein, afirmou a importância da liberdade de pensar, quando escreveu: “Se, no presente, tentarmos estabelecer padrões rígidos, nós, por esse meio, criamos iconoclastas ou claustrófobos (talvez eu seja um deles)”.

Palavras-chave: Psicanalista, caminhos, fronteiras, criatividade.

Abstract: *Freud and his followers unfold paths – some of them were refused when first presented but were understood and accepted later – and those are the ones we go through today. Between “this is not psychoanalysis” and “the one and only psychoanalysis is what I am doing now”, we lived through Klein’s and Lacan’s revolutions. Winnicott, an inquiring thinker, wrote a letter to Miss Anna Freud and Mrs. Klein, when he reaffirmed the importance of the freedom of thought: “If we in the present try to set up rigid patterns we thereby create iconoclasts or claustrophobics (perhaps I am one of them)”.*

Keywords: *Psychoanalyst, roads, boundaries, creativeness.*

* Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ

Dentro do movimento psicanalítico há semelhanças e diferenças na compreensão de alguns pontos da invenção de Freud por parte das correntes pós-freudianas. Nada tão grave que nos faça não nos reconhecermos.

Freud, como ele próprio o disse, estabeleceu muitos princípios e lançou muitas sugestões. Esperava ter aberto caminhos para avanço na compreensão do ser humano. Esperava que algo surgisse desses caminhos. Tinha consciência das dificuldades. Reconheceu que, “por sua organização, não há nada a que o homem seja menos apto que à psicanálise” (*Carta a Biswanger*). Freud nos deixou uma obra incompleta, impossível de terminar.

Por seu turno, Klein, seguindo Abraham, dizia que o progresso da psicanálise dependia de cada psicanalista: do valor de seu trabalho, da qualidade de seu caráter e do nível de suas conquistas científicas.

Lacan acrescentou elementos valiosos à compreensão da dinâmica psíquica e deixou, nos últimos anos de sua vida, uma teoria em transformação.

Winnicott, para quem seu ofício consistia em ser ele mesmo, quando procurou sua primeira análise, o fez “por razões pessoais”. Tinha 27 anos quando entrou em contato com *A interpretação dos sonhos* a partir de um texto sobre Freud escrito por Pfister. Foram 10 anos de análise, após os quais seu analista o encaminhou a Klein, por seu grande interesse no trabalho com crianças. Apesar dos 5 anos mais de análise (com Riviere) e outros tantos de supervisão de trabalho analítico com crianças, feita com a própria Klein, esta não o considerou um kleiniano. Isso não o incomodou. Ele disse: “Eu nunca fui capaz de seguir (*follow*) qualquer pessoa, nem mesmo Freud. Mas Freud era fácil de criticar, porque ele sempre foi crítico de si mesmo”.

As correntes pós-freudianas, que Bercherie cita em seu excelente estudo *O ocular quadrifocal*, conservam, no principal, as características do campo psicanalítico. Assim, associação livre, atenção livremente flutuante, transferência, resistência, interpretação, inconsciente dinâmico, psicologia do desenvolvimento e outros, são itens que essas correntes apresentam. Psicanálise pura e psicanálise aplicada diferem em seu uso, mas pertencem ao campo. É importante compreender que, em sua essência, elas são diferentes da psicoterapia. Este é um rótulo para várias práticas que não são uma ampliação da psicanálise. Algumas delas tentam ficar próximas da psicanálise e confundem os que as procuram, porque também acolhem a demanda de quem sofre e quer saber o porquê, também tratam pela palavra e pela escuta e se chamam, até, de “psicoterapia de base psicanalítica”. Trabalham principalmente com sugestão e em

posição de autoridade. Se e quando seus pacientes conseguem recompor seus modelos de sobrevivência, cuja falha os levou a procurar ajuda, até têm alta, melhorados de seus sintomas.

Sabemos, com Freud, que não podemos evitar em nossa prática, o “chumbo grosso” da sugestão, mas o que se espera do psicanalista é que saiba quando está fora do lugar de analista e que nunca vá tão longe e tão demoradamente, que não possa voltar...

Diferentemente de Klein e Lacan, Winnicott não deixou uma escola. Ele pede garimpo, através do qual vamos aprender a lidar com paradoxos, com verdades em trânsito, com revelações surpreendentes da clínica, com o trabalho das fronteiras.

Deleuze, em seu texto *Pensamento nômade*, afirma que um psicanalista como Winnicott se estabelece verdadeiramente nos limites da psicanálise, uma vez que tem o sentimento de que o modo de proceder de Klein, trocar estados vividos por fantasias, a certa altura não convém mais. Há um momento, ele diz, em que não se trata mais de traduzir, nem de interpretar em significados ou significantes. Há um momento em que é necessário por-se na situação com o paciente, ir até lá, compartilhar seu estado. É seguramente mais complicado. É fazer dos estados vividos fluxos de intensidade em deslocamentos perpétuos, uma espécie de nomadismo.

Adam Phillips, finalizando sua excelente biografia de Winnicott, trás para nós uma instigante citação. Em resenha que Winnicott fez do livro *Memórias, sonhos, reflexões, de Jung*, ele escreve: “Eu era são e, através da análise e de auto-análise, alcancei certa medida de insanidade”. E Phillips acrescenta: “Mas sua medida de insanidade, eu penso, é uma inspiração”.

Vamos, agora, à palavra “extramuros”. Como defini-la? Aliás, o que significa definir? Vem do latim *de-finire* (limitar; marcar limites, explicar clara e precisamente a natureza de um objeto; explorar o verdadeiro sentido de uma palavra). Definir confina? Não necessariamente, mas correlaciona. (Confin: termo, fim). Confinar: estar na fronteira, junto ao limite de outra terra.

Como usamos a expressão “extramuros”? Em latim significa fora dos muros, nos arrabaldes. “Extra” é uma preposição que significa fora, a mais. Faz parte, por exemplo, de extravagante (desvio dos usos e da boa razão), de extravio (descaminho fraudulento). “Muros” vem de *murus* (latim), *de mor, mour* (em egípcio, cingir, cercar com muros, fossas, exércitos, para defesa). Significa parede que cerca praça, cidade, qualquer recinto, para tolher a en-

trada, tudo que serve de defesa de doutrina (costumes e defesa que deles resulta).

Agora, uma pergunta se põe: quais são os muros da psicanálise? O que eles defenderiam?

Quero listar algumas hipóteses:

- Seriam paredes teóricas intocáveis? Teoria como fetiche? Winnicott tinha dificuldade com a metapsicologia. Em carta a Anna Freud (1954), ele diz: “é que eu tenho um modo irritante de dizer as coisas em minha linguagem, em vez de aprender a usar os termos da metapsicologia psicanalítica. Estou tentando descobrir porque sou tão profundamente desconfiado desses termos. Seria porque eles podem dar a aparência de uma compreensão em comum quando tal compreensão não existe? Ou por causa de algo em mim? Decerto podem ser ambas as razões”. Em carta a Guntrip, no mesmo ano, disse: “Do meu ponto de vista, quaisquer teorias originais que eu possa ter só são valiosas na condição de desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana usual (*ordinary*)”. Winnicott detesta cindir criação e tradição em psicanálise e em qualquer outro campo da cultura. “Não é possível ser original exceto em uma base de tradição”. Defender a imutabilidade dos conceitos “protege” a psicanálise? Não é útil que as sociedades psicanalíticas pretendam ser um lugar de certezas. É preciso que sejam um lugar de busca, de curiosidade, de dúvida ligada aos fatos, “tateando” conceitos em trânsito.

- Seria uma inclinação à paralisia, à inércia? Ora, somos movimento. Não se pode, sem grave prejuízo, abrir mão do modo criativo de se aperceber do mundo, perdendo a capacidade de espanto, de se inquietar.

- Seriam nossos limites pessoais? Pré-concepções rígidas, pontos cegos, pouco contato com colegas, principalmente os nômades, que nunca se instalam, cujos espaços estão nos confins. Falando sobre a formação do analista, Winnicott ressalta a importância da seleção e considera a auto-seleção a parte mais importante do processo de se tornar psicanalista. E Bion sugere uma pergunta perpétua: “Por que pratico a psicanálise? Continuo?”

- Seria o poder institucional? Algo como: “Não pense! A Instituição já pensou por você.” Sem comentários... Lembro aqui o texto de Winnicott, *Alguns pensamentos sobre o significado da palavra Democracia* (1950). Ele sintetiza: “Se democracia é maturidade, e maturidade é saúde, e saúde é desejável, então nós desejamos ver se alguma coisa pode ser feita para favorecê-la.” Resistir tanto à prática da injustiça pelo Estado, como à desumanização do homem

pela ciência. Não por ou para sermos “porta-vozes” da psicanálise, mas como sujeitos de nosso caminho.

– E o que mais? Questões ligadas à pecúnia, à dificuldade de diálogo com outros saberes, ao desinteresse em questões micro e macro-sociais.

Bem, a psicanálise sobrevive a nossas limitações e a “necessidade de protegê-la” não impediu seu desenvolvimento. A expansão do campo tem se dado a partir das novas configurações do sofrimento humano que ela aborda. A maioria dos que nos procuram agora traz quadros da dor, insuportável, às vezes, de existir.

Em princípio, acolher essa demanda não desfigura o campo da psicanálise, porque as mudanças na prática experiencial nos levam a repensar, como fez Winnicott, as implicações teóricas e técnicas envolvidas na situação clínica. O importante é não se recusar, *a priori*, o inquietante, a desrazão, a incoerência.

A partir da reflexão sobre os muros, nós nos perguntamos: Fora dos muros, sejam quais forem, o que o psicanalista pensa que pode – e deve – fazer? Existe um uso adequado do instrumento psicanalítico fora das parcerias de trabalho em pesquisa, terapia e teoria, como Freud resumiu? Os fatos sociais e estéticos são “tratáveis” pela psicanálise?

Penso que a resposta é não. Mas eles são abordáveis, com cuidado e despretensão. Intramuros, no *setting*, poltrona incluída, nós temos paradigmas. Extramuros, como ficam a transferência e a interpretação?

Ser procurado ou procurar fazem quais diferenças? O alcance da psicanálise aplicada (implicada?) é ou envolve caminho que leve da servidão à liberdade possível?

Para Freud (*Análise leiga*, 1926), a psicanálise é indispensável a todas as ciências que se ocupam da evolução da sociedade humana e a suas grandes instituições, como a arte, a religião e a ordem social. Se, por exemplo, usarem a psicanálise em suas pesquisas, dela se beneficiarão os historiadores da civilização, os psicólogos da religião, os filósofos, etc. Em *Novas conferências* (1932), ele confessa: “Sinto uma forte tentação de conduzi-los através de todas as aplicações da psicanálise às ciências mentais.”

Winnicott disse que “quando se fala de um ser humano, se fala dele mais a soma de suas experiências culturais. O todo forma uma unidade.”

Winnicott viveu intensamente fora dos muros sempre sendo ele mesmo. Conseguiu conciliar vida pessoal, vida institucional participativa com encargos trabalhosos, e muitas atividades extramuros. Várias delas geraram alguns

livros que são indispensáveis aos praticantes de nosso ofício. Sua produção, em quantidade, só foi menor que a de Freud, o pensador da cultura. Winnicott foi ao âmago da condição humana, à soma dos princípios, à primeira mamada teórica. E nos legou o conceito fundamental dos fenômenos e objetos transicionais e do espaço potencial (que não pode existir – é potencial) e é o grande construtor do patrimônio cultural da humanidade.

Muito do que Winnicott produziu foi fruto do seu engajamento, como pensador e como participante de atividades extramuros. Era sempre um psicanalista, mesmo fazendo outra coisa que considerasse ser adequada para situação. E por que não, perguntou? Um exemplo expressivo é o que aconteceu quando foi chamado pelo Governo inglês para Consultor de Trabalho com crianças e adolescentes retirados durante a guerra. Eram albergues (*Poor Law Institution*), que visitava semanalmente, onde Assistentes Sociais Psiquiátricos prestavam assistência permanente. Viu pessoalmente algumas crianças desses programas. Fez tentativa de orientar mães a conversarem com seus filhos, em momentos oportunos, a partir de esboços de compreensão de seus comportamentos. Esta experiência, nos limites, gerou um livro revolucionário: *Deprivation and delinquency*, importante para compreender o que chamou de “tendência anti-social”, entendida como pedido de socorro (o *The Children Act* 1948, do Governo, resultou do conjunto da experiência).

O campo de ação é amplo. Aplicação, ampliação, implicação. Em in-tensão e ex-tensão. Pesquisas comparativas, abordagem psicossocial, revisão crítica (prática e teórica), profilaxia (situações específicas: família, infância, desenvolvimento, escolaridade), grupos profissionais (Medicina, equipes hospitalares, Direito, Serviço Social, etc.).

O capítulo 15 de *Os processos de maturação* (1962) é um retrato (ou será uma radiografia?) de Winnicott, enquanto psicanalista atendendo seu analisando. Vale a pena lê-lo de vez em quando. Para a psicanálise extramuros, não temos um capítulo tão preciso. Talvez, em *Brincar e realidade*, os capítulos 7 (experiência cultural), 8 (o lugar em que vivemos) e 11 (adolescência) nos ajudem a pensar.

Quero dividir com os leitores, para terminar, um achado curioso, que menciono como homenagem a Winnicott.

Há na história do povo inca, desde os tempos pré-colombianos, um personagem xamânico que reúne a sabedoria andina. Entre outras coisas interessantes, ele teria dito: “atrevo-me a ser como sou”; “amo a minha loucura, que

me vacina contra a estupidez”; “a chegada não importa, o caminho e a meta são a mesma coisa”; “É possível que tenhamos que ser apenas humanos, que sejamos apenas água fluindo, porém não permitas que o leito escravize o rio.” E Chamalú (esse é o nome atribuído a esse índio quechua) dizia:

Sou guerreiro:
a minha espada é o amor
o meu escudo é o humor
o meu lar é a coerência
o meu texto é a liberdade.

Edson Soares Lannes
e-mail: melan@globo.com